

## O “DIA-D”: PULAR A ROLETA E FAZER MOVIMENTO - NARRATIVAS DE MULHERES SINDICALISTAS DO ACRE

Evandro Teixeira  
evandrolute@gmail.com

### RESUMO

No Brasil, durante a década de 80, os movimentos sociais se colocaram à frente de eventos e manifestações, intencionando promover o enfrentamento dos problemas sociais, advindos dos governos com práticas alinhadas à ditadura. O presente artigo capta um instante dessa história no Acre, e tem como objetivo oferecer reflexões sobre o processo de organização dos movimentos, a partir das narrativas de duas mulheres, sujeitas de pesquisa, em andamento, vinculada ao programa de Pós-graduação em linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Situando-se, portanto, no acontecimento intitulado como “dia-D”, que se concretizou numa articulação de múltiplas representações, tendo como principal causa aglutinadora ‘o aumento da tarifa de transporte público na cidade de Rio Branco-AC’. Aprendizados e descobertas sobre a arte de ser e fazer, numa perspectiva de entendimento das relações de poder. A metodologia consistiu em ouvir e analisar narrativas, intercruzando interpretações, balizadas em pensamentos extraídos em Foucault, Certeau, A. Portelli, Sarro, Albuquerque, dentre outros. Vivências e experiências, por meio de narrativas trazem a relação de poder do Estado frente as organizações de trabalhadores, estudantes e movimento comunitário, que se constituíram como representação política na sociedade acreana em 1987.

**Palavras-chave:** “Dia-D”. Movimentos sociais. Narrativas. Poder.

### ABSTRACT

In Brazil, during the 1980s, social movements took the lead in events and rallies, intending to promote the confrontation of social problems originating from governments with practices aligned with the dictatorship. This article captures a moment of this history in Acre, and aims to offer reflections on the process of organizing the movements, based on the narratives of two women, research subjects, in progress, linked to the graduate program Letras: Linguagem e Identidade of the Federal University of Acre. It is situated, therefore, in the event called “D-day”, which took place in an articulation of multiple representations, having as its main unifying cause ‘the fare increase in public transport in the city of Rio Branco-AC’. Learning and discoveries about the art of being and doing, from a perspective of understanding power relations. The methodology consisted of listening to and analyzing narratives, crossing interpretations, based on thoughts extracted from Foucault, Certeau, A. Portelli, Sarro, Albuquerque, among others. Life experiences through narratives bring the power relationship of the State workers’ organizations, students, and the community movement, which constituted themselves as political representation in Acre’s society in 1987.

**Keywords:** “D-Day” (dia-D). Social movements. Narratives. Power.

## INTRODUÇÃO DE UM DIA

Apresento um recorte de pesquisa, em andamento, para tese de Doutorado a ser defendida na Universidade Federal do Acre- UFAC, no programa de pós-graduação de linguagens e identidades. Na proposta, procuro dar evidências às narrativas sobre trajetórias de vidas de quatro mulheres negras, militantes dos movimentos sociais e sindicais do Acre, que são originalmente de famílias pobres e, como a maioria da população negra, que não tiveram espaços sociais privilegiados. Nos percursos e intercursos da vida, desenvolveram suas percepções de mundo, que as levaram a compreender os ambientes sociais em que foram inseridas, que se concretizam em labirintos sociais multiversos e excludentes. Ao traduzirem as suas trajetórias, desenharam as práticas da ‘arte do fazer’ e do conviver na vida e nos movimentos sociais como estratégia de luta e poder.

De acordo com as narrativas, fecundadas em suas memórias, desde crianças, contam suas trajetórias e os percursos dos seus sonhos, que nos registros das suas experiências, apresentam acontecimentos que tecem o real vivido, entrelaçado pelas dificuldades sociais que viveram com as suas famílias, além das relações sociopolíticas de conflitos, da negação dos direitos fundamentais e estruturação de uma “consciência” política.

Meninas adolescentes, são trazidas pelas memórias de mulheres do tempo presente. Aprenderam o mundo cumprindo tarefas como empregadas domésticas e viveram a prática da exploração do “mundo” do trabalho. Condições sociais que lhes imprimiram uma certa compreensão de mundo e da vida, lhes dando evidências de que estavam fora do padrão de respeito social. Não sabiam, até então, os reais motivos das diferenças para serem domésticas, babás, arrumadeiras e, até mesmo, ajudante de limpeza em comércio, mas desde então, sentiram as marcas das diferenças.

Foi observando suas falas e trajetórias, que produzi interpretações desse multiamiente por onde se estabelecem as relações de poder, que nasceu, se instalou e que, ainda, perdura na sociedade, sobretudo na brasileira. Faço destaque exclusivo para o Acre, região que abriga a trajetória das quatro mulheres. Dialoguei com Elza Neves Lopes, que foi babá e se tornou professora; Almerinda que foi ajudante de limpeza numa sorveteria, que se tornou pedagoga; Lúcia Ribeiro que trabalhou na casa de uma parente, onde morava, para poder estudar na capital, hoje é professora e advogada e Maria Santiago de Lima, que se prestou à condição de doméstica sem receber o salário, sonhando em ter condições de mudar a vida da família e da comunidade rural a qual pertencia, agora, socióloga.

Sonhos inter cruzados e afrontados por realidades semelhantes em lugares diferentes, que, nas narrativas, passam a dar corpo às memórias e marcas que trazem. Para interpretá-las e observar as referências políticas contidas em cada uma, as referências teóricas em Foucault (2003 e 2005) serviram como ferramenta, que ajuda a debulhar entendimentos sobre as relações sociais e distensionam a compreensão sobre o jogo que transita nos espaços de convivência social, onde acontecem os enfrentamentos e disputas de poder; além dessas reflexões associei às leituras de Certeau (1982 e 2014), teórico que

contribui sobre a construção da escrita da história, além de abrir para as possibilidades de entendimento sobre as práticas cotidianas do fazer e do enfrentamento às regras e lógicas pré-estabelecidas, por meio das articulações individuais e coletivas, criando as táticas necessárias do viver.

Com a intenção de desenhar uma proposta metodológica com qualidade de escuta, observei as orientações de Portelli (1997), que auxilia na preparação do ambiente e do ‘ato’ de escutar. Entendendo, que o ‘ato’ de narrar é real para quem o faz, porém o pesquisador necessita compreender e exercitar a prática da escuta e promover a interpretação com a responsabilidade ética de quem constrói por meio das experiências da outra. Por esse processo, extrai conhecimentos. Beatriz Sarlo (2007) ocupa o texto pela capacidade de reflexionar sobre o campo da vivência e da experiência, de como o tempo passado se articula ao presente para produzir as informações de quem narra. Por se tratar de mulheres, trouxe outras referências femininas e, principalmente, negras para compreender o universo e a percepção de gênero. Observo que optei em dar um tom poético, político e filosófico para a questão, ancorando em mulheres dos movimentos sociais que debatem as pautas de gênero, classe e poesia, como Joice Berth, Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Sueli Carneiro, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Zélia Amador de Deus e outras. O Camaronês Achille Mbembe (2019), é a referência para discutir questões sociais e raciais, articuladas às de classe e poder. Por ele, observo as intenções e compreensões sobre a percepção da razão e construção da consciência das narrantes.

Para este artigo, que é um fragmento, da pesquisa que apresento, a base de análise está centrada especialmente nas escutas que fiz da pedagoga e professora aposentada *Almerinda Cunha* e da professora *Elza Neves Lopes*. Ambas deram, por meio de suas falas, destaque ao acontecimento, denominado o “dia-D”<sup>1</sup>, evento que gerou um forte debate no Estado do Acre, dentro e fora dos movimentos sindicais e que as envolveu diretamente. Este objeto de reflexão, posto nas suas narrativas, é proveniente de um período dos movimentos sociais e sindicais e que, para a Almerinda, na sua subjetividade, é considerado uma “derrota” humana, e que permanece na sua memória de dirigente sindical de uma época. Essa posição despertou atenção: “por que derrota?”. De início, entendo que é em virtude do nível de violência sofrida pelas pessoas que fizeram parte do acontecimento narrado. Porém, para a Elza, se trata de um evento de aprendizagem política. Olhares que se inter cruzam e produzem conceitos distintos entre pessoas comuns.

Objetivo, assim, revisitar o dia “D”, a partir das contribuições trazidas pela Elza LOPES e Almerinda CUNHA, como forma de reler a importância da ação organizativa dos movimentos sociais de Rio Branco - Acre, no final da década de 80, buscando contribuições de outras narrativas que viveram o momento.

---

1 Durante a segunda guerra, 1944, parte da França estava tomada pelos alemães. Como forma de providenciar o recuo desses invasores, soldados aliados à França, organizaram o “dia -D”, usaram como corredor de passagem para a França, a região da Normandia, no dia 06 de junho daquele ano, a fim de surpreenderem os alemães <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-dia-d.htm>.

Dada as suas leituras e de outras pessoas, este ‘recorte’, contribui para reflexões específicas, a respeito da capacidade de uso do poder, por parte do Estado, que, pela força física, intenta reprimir ou controlar pessoas e seus corpos, quando entram em atividades de defesas dos seus interesses sociais e políticos. O tempo narrado trazido para o presente contribui nas reflexões e entendimento sobre o que mudou, ou se mudaram as relações políticas de poder, em algum instante, para além de outras análises de caráter multidisciplinar, ou com tresvarias de ideias e informações. Reafirmo, desse modo, a importância de reler narrativas, haja a vista a dinâmica dos comportamentos políticos das pessoas, em especial, de “alguns” representantes do Estado.

Almerinda esteve junto ao movimento social que protagonizou o “dia D”. Tempo que uniu várias pautas sociais e sindicais, mas que eclodiu politicamente para contrapor o aumento do preço da passagem/tarifa do transporte coletivo da cidade de Rio Branco, capital do Acre. O ‘acontecimento de memória’ para muitos que o viveram, que passaram a defini-lo como um dos maiores momentos políticos da luta social do Acre, porém classificado como um dos mais violentos do ponto de vista das relações entre o Estado e a sociedade.

O repente das falas e das ações estão explicitadas e contribuem para reflexões sobre um tempo, de certa forma, distante, que a sociedade precisa, creio, ainda discutir e debater, dar a devida importância como um conteúdo simbólico para o processo formativo de quem atuou no movimento social e sindical e para aqueles que hoje atuam, mas que pouco conhecem, ao mesmo tempo uma narrativa do presente, que contribui com a formação e demarcação das posições políticas de disputa de poder, frente ao Estado. Um acontecimento que envolveu um governo do final da década de 80, presente nas memórias e nas experiências cotidianas. Aquele mesmo movimento, simbolizou e simboliza a resistência de mulheres, jovens (professoras, lideranças comunitárias e estudantes, em especial) e tantas outras categorias de profissionais. Por isso o presente e o passado são peças tecidas pelos mesmos fios com pontos diferentes.

Os parâmetros metodológicos propostos seguem a leitura da história oral, impressos em suas falas, com destaque às da Almerinda, que pela voz e pelo corpo deu evidência simbólica ao acontecimento. Entrei noutras informações para ler, com mais detalhes, o arranjo organizativo que compôs o enredo. Sem intencionar em encontrar comprovações, pois o que interessa é a narrativa, busquei outras falas que dão a devida notoriedade e apresenta as peculiaridades sobre o “dia-D”, para dar rumo às minhas interpretações. Vi, em outras escutas e leituras, elementos discursivos que valorizam o episódio, cada qual à sua maneira. São muitas vozes. Pressuponho que cada uma traz, de forma circunscrita, as suas partes que devem ser devidamente respeitadas, quando narradas, mas não me aprofundo em todas elas. São fontes de leituras e diálogos, para dar complementariedade ao que proponho, tendo como partida a pesquisa mencionada.

Como disse Certeau (2014), pelas artes do fazer, os acontecimentos são produzidos. Vejo o movimento sindical e social, com base nas suas intenções e suas astúcias

organizativas, cumprindo o seu papel: produzindo experiências. É por esse estudioso, trago as intenções de dar visibilidade às narrativas. Ele contribui com as leituras sobre o processo organizativo da sociedade, frente às estruturas dos poderes instalados. Desta feita, sempre são sujeitos e sujeitas que não têm o status social para visibilidade, mas que desenvolvem suas atividades para contrapor a uma ordem dada e promoverem as reinvenções cotidianas.

Beatriz Sarlo (2007) se torna uma facilitadora na análise dos processos sofridos em governos ditatoriais. O tempo do acontecimento a que me refiro como o “dia-D” não é o mesmo da ditadura, mas se tornou uma manifestação de poder de um Estado físico e politicamente autoritário; resquício de concepção e comportamento antidemocrático instalado nos governos brasileiros. Memórias e vivências dão corpo às experiências sobre o que viveram, por meio das narrativas. Por isso, tenho nessa autora, um anteparo importante. Conjugando aos dizeres de Foucault (2006), que nos conduz a observar o movimento do poder e sua predisposição na vivência de cada um. Sobretudo, quando uma força se impõe à outra e causa reações individuais e coletivas extremas, pensadas e inesperadas. Por ele, entendo que o poder, com suas diferenças, está em todo o indivíduo e não existe em ninguém, pois dependendo das relações promovem os choques, os quais nos ensinam a ler e interpretar os momentos.

## ENTENDENDO A EXPRESSÃO “DIA-D”

Ao articular as narrativas da Almerinda com as escutas complementares, na tentativa de entender o surgimento da expressão “dia-D”<sup>2</sup> para o Acre, procurei identificar o seu uso e o porquê da expressão. O que a faz tão marcante e por que sempre retorna às conversas informais das pessoas que participaram dos movimentos estudantis, sociais e sindicais, no final da década de 80, no Acre? A título de curiosidade, se tornou ‘uma forma de dizer’ com um caráter bastante comum, que acabou se popularizando dentro dos movimentos sociais, até mesmo nos seios das famílias; que, por exemplo, quando querem resolver algum problema, dizem: “vamos esperar o ‘dia-D’”; “chegou o ‘dia D’”. A princípio, parece soar como ameaçador, intimidador, mas a grosso modo significa a hora de resolver o problema ‘de uma vez por todas’, ou de ser feliz. As palavras não nomeiam tão somente ideias prontas e fixas, se apresentam sem complexidade, quando posta em sintonia com tempo, espaço e lógica estabelecida dentro de um contexto, passam a ter a função de representar pensamentos. É a transmutação de sentido dessa expressão.

Essa forma de se expressar não surge do acaso, tampouco desaparece, se não tiver uma identidade que a mantém do ponto de vista social, cultural e político. Sem nenhuma intenção de dar verdade à sua origem, pois isso requer uma dedicação mais aprofundada, identifiquei, observando as narrativas, um sentido histórico para “dia D” na revista Brasil Escola (2022). É uma referência de enfrentamento aos “problemas”, ou de fazer frente a

<sup>2</sup> Dia de manifestação contra o aumento da tarifa de transporte coletivo, dia de pular a roleta, dia de ir para a rua e manifestar contra a decisão do prefeito.

um inimigo iminente, ou seja: uma operação que pode ser entendida como ‘Dominadora’.

Ainda destaco, de acordo com a mesma fonte, foi no período da segunda guerra, que a referida expressão nasceu. Quando as forças aliadas, definiram estratégias de enfrentamento aos nazistas, que insistiam em dominar a Europa. Portanto, é compreensível o efeito simbólico e muito aceitável que “dia-D” seja utilizado por aqueles e aquelas que intencionavam ser livres de qualquer forma de dominação e que traziam seus interesses comuns, principalmente, o de não aceitar um aumento abusivo do preço do transporte público, como no caso de Rio Branco, promovido à revelia dos interesses da sua população, o que ensejou um movimento político de diversos segmentos para enfrentar uma força impositora. A expressão veio como um empréstimo simbólico de sentido.

A sua popularização se vinculou às campanhas e chamadas de diversos eventos, quer sejam públicos, coletivos ou não; como exemplo: “dia D” para vacina, para enfrentamento a uma crise econômica, de mutirão social e etc. Curiosamente, o exército foi o órgão que acentuou ou deu força discursiva como referência de atuação estratégica. O que parece ser, no mínimo irônico, quando a mesma expressão é apropriada pelo movimento social, sabendo de que ela é proveniente de uma força dominadora vinculada ao poder do Estado-exército, mas isso é o que menos importa. O que valeu nessa mudança, foi a transposição de sentido que serviu à luta dos sujeitos e sujeitas pelo direito de viverem o seu estado de humanidade. Isto é a palavra-expressão cumprindo uma função a de dar sentido à ‘coisa que passa a significar’. Afinal, as palavras não são aprisionadas, são de uso e adaptáveis às realidades.

Utilizando da força da intenção e da estratégia, em 1987, na capital acreana, este dia representou concretamente a união de esforços dos movimentos sindicais, sociais e estudantes para resolver um problema: fazer com que o chefe do ‘poder’ executivo municipal recuasse no decreto, no qual concedia “um abusado” reajuste na tarifa de ônibus. Politicamente, representava muito mais, se tratava de uma forma de fazer, uma tática para trazer à tona a resistência política frente ao governo da época, com todas as pautas conflitantes que permeavam as relações. Posicionar-se contra o aumento do preço da passagem unia a todas as entidades e representações, se tornou uma pauta estratégica.

## **NARRATIVAS DE UMA VIDA NO RECORTE DE UM DIA**

Durante as escutas, aos poucos, as conversas fluíram despertando perguntas e o interesse de ouvir e interpretar as experiências trazidas por elas. Por mais que tivesse, como pesquisador, pensado em perguntas estruturadas, elas não seriam limitadoras para as conversas, que faziam reviver os acontecimentos em memórias, marcas de experiências de vida. O objetivo de cumprir uma proposta metodológica que libertasse as palavras em narrativas, algo como trouxesse à ideia de uma gaiola se abrindo para que o canto do pássaro se tornasse livre, obedecendo seus próprios limites. Metáforas, à parte, mas essa

foi a forma que encontrei de decifrar o que pensava para o momento, de maneira a me permitir ouvir, e intervir apenas quando necessário, para melhor escutar.

Almerinda, gradativamente, falou da sua infância, adolescência e do seu processo de envolvimento nos espaços políticos dos movimentos sociais. Reviveu suas experiências na igreja, os motivos que a aproximou das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base<sup>3</sup>-, espaço por onde teve contato com os debates sobre exclusão social. Por mais que preexistisse uma percepção sobre diferenças sociais, ainda precisava burilar o entendimento dos conceitos. Segundo ela: “foi assim que fui aprendendo.” A vida lhe imprimiu uma pedagogia própria.

Outro momento, foi o seu ingresso na universidade; quando, no ambiente acadêmico, teve contato com novas leituras, posicionamentos políticos e culturais regados de teorias. Ela, aluna de baixa renda, não tinha condições econômicas para se alimentar dignamente e, por diversas vezes, teve síncope, as perdas temporárias dos sentidos, chamada nas suas narrativas de “desmaio de fome”. O que significa para uma mulher professora, sentir fome? Dentro do ônibus lotado, cansada e com fome, o que sua mente produzia?

Ela, depois da entrada na Universidade, potencializou sua atuação e formação política na convivência com lideranças do movimento sindical que, percebendo seu interesse por questões profissionais do magistério, a convidou para fazer parte do movimento. A consciência estava nela, sempre teve percepção dos seus momentos e se permitiu na constante (re)construção, passo-a-passo, a cada momento experienciado e aprendendo com a vivência.

[...] prestei vestibular na UFAC. Trabalhava na escola e estudava. Entrava no ônibus com muita fome. Sentia me mal, cheguei a desmaiar de fome. Passei a tomar a “merenda da escola”. Ai, me encontrei com o Pascoal<sup>4</sup> e a Zeza<sup>5</sup>, era início da ASPAC<sup>6</sup>, eles me chamaram. O Pascoal me ensinou muito. Entrei para o Sindicato, foi onde começou tudo (Almerinda Cunha OLIVEIRA, 2020).

Correlacionando os processos vividos como ‘conta-gotas’ de memórias que dão corpo à narrativa, fez borbulhar um barril de enredos da sua vivência. Ela fala da violência de não ter o que comer, mesmo sendo profissional, que trabalhava e estudava. Suas mãos falavam, no momento das emoções, gritavam em gestos intensos de quem tem muito a dizer de si. Suas narrativas me fizeram refletir: se ela produz palavras pelas memórias, o que teria ou tem as demais estudantes da mesma origem que não trabalhavam como ela? Que viveram período e histórias semelhantes? De certo, a Universidade se tornou

3 De acordo com Oliveira, P. A. s comunidades eclesiais de base (CEBs) são organismos da Igreja Católica (das décadas de 70 e 80) que se caracterizam por: (a) celebração dominical realizada por leigos ou leigas; (b) ampla participação na tomada de decisões, geralmente por meio de assembleias; e (c) ligação entre a reflexão bíblica e a ação na sociedade. Para Leonardo Boff (1977) são comunidades inclusivistas ligadas principalmente à Igreja Católica que, incentivadas pela Teologia da Libertação, se espalharam principalmente nos anos 1970 e 80 no Brasil e na América Latina. disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acer-vo/dicionarios/verbeta-tematico/comunidades-eclisiais-de-base-cebs>.

4 Professor Pascoal Muniz, liderança do movimento sindical, membro fundador da ASPAC;

5 Maria José Dantas, Liderança sindical, ex-presidente do sindicato dos bancários.

6 ASPAC – Associação dos Professores do Estado do Acre – movimento que deu oriente ao atual Sindicato Dos Trabalhadores em Educação – SINTEAC.

um espaço de encontro das diferenças com múltiplos olhares que, como ela, dependiam do transporte coletivo, da alimentação e de tantas outras ações e políticas públicas para o direito de ser e ter. A violência social vivida, que, por ela, marcava o seu corpo e fazia fluir questionamentos, porta aberta para instalação e crescimento de um possível entendimento sobre si mesma, a partir da sua origem, interconectada à situação social como *professora recebada*<sup>7</sup> e estudante no seu decurso político junto aos movimentos.

A cada elemento vivido e, no presente, ao seu modo narrado, uma dose de leitura sobre embriagava o presente, fazia o descompasso e passo de ideias. Uma sujeita que se faz acontecimentos postos em palavras de forma paulatina, com mãos e pensamentos acelerados. Os saberes acumulados nas CEBs; as dificuldades sociais frente a necessidade de estudar; a fome, o baixo salário, com frequentes atrasos. O Estado contribuiu para que imergisse em leituras individuais sobre o individual e social, o que fez surgir, em si, a sua identidade de mulher, mulher de movimento, mulher negra. Seres que sempre habitaram em si, mas que se evidenciaram nos movimentos, meio ao tecimento das palavras, dos discursos e das narrativas. Ates de tudo isso, ela aceitou ao convite feito pelas duas lideranças – Pascoal e Zeza - e se filiou ao movimento sindical – Associação dos Professores do Estado do Acre - ASPAC.

Envolveu-se e buscou articular outras pessoas para que se somassem ao seu novo espaço de atuação, após compreender o seu fazer no sindicato. Com pensamento que busco ancorar em Mbembe (2019), ela passou a ver e sentir ‘o outro’ e, com ele, promover o exercício de (re)pensar as próprias razões de ser, de categoria e de classe. Aqui, o conceito de categoria e classe se associa a ideia de grupo(s) dentro de uma sociedade que se diferencia uns dos outros em decorrência de características econômicas, políticas e estruturais e do fazer profissional que se encontram por meio de causas e interesses semelhantes. Nesse universo, ela assumiu o papel de liderança militante e se empreendeu. A mulher negra e professora, passou a ser mais visível por si mesma e, por meio dos seus discursos, assim foi vista por outras pessoas. Ela aprendeu a ver, enxergou e escutou a Elza Neves usando o microfone em uma assembleia do sindicato e percebendo a interconectividade de pensamento, ou sensibilizada pela consciência apresentada, a convidou para fazer parte da nova direção que se instalaria. Ambas narram esse acontecimento, na voz da Elza temos a precisão de como aconteceu.

... vi um convite chamando pra uma assembleia, dizendo que iria ter eleição do sindicato; e... aí eu recebi esse ‘panfletinho’ na universidade convidando pra essa assembleia, que iria ter eleição do sindicato. Eu não sabia nem o que era o sindicato, e aí... eu fui pra essa primeira reunião, que eu lembro que foi no CESEME<sup>8</sup> onde é o Cerb, hoje. Nessa reunião, as pessoas se inscreviam pra falar, né? Eu me escrevi pra falar, né? Enxerida, me inscrevi pra falar, achando que ia falar besteira. Gostaram do que eu falei. E aí, Almerinda me convidou pra participar da chapa dela, eu fui pra Aspac, que no ano seguinte passou pra Sinteac. Ela

7 Tipo de contrato temporário no serviço público do Estado do Acre que, na época, estabelecia pagamento por prestação de serviços, mediante recibos – ‘recibada’.

8 Escola no Estado do Acre de formação técnica, de ensino médio, atualmente Colégio Estadual Barão do Rio Branco – CERB.

me convidou e eu disse: -mais porque tá me chamando? –“... porque eu quero montar a chapa, quero montar com gente nova”. e aí eu aceitei, né... a entrar na chapa da Almerinda, que foi pro sindicato, e aí... foi ali que começou minha, a partir desse dia começou minha militância, porque toda reunião Almerinda me chamava (Elza Neves LOPES, 2020).

Elza, com características de origem semelhantes às da Almerinda, se coloca, na narrativa, com o interesse de também debater as questões de natureza sociais. Relata que deve esse estado de consciência à sua história de origem, sua relação social, trabalhando como babá, desde a adolescência, quando se sentia excluída das possibilidades de ser o que queria, ainda na casa da patroa, quando percebia a diferença no trato pessoal. Ela foi para UFAC estudar geografia, após ter se convencido em ser professora, pelas seguintes questões: primeiro, pela necessidade de trabalho, quando jovem e, segundo, pelo incentivo das colegas de trabalho, que conheceu, quando foi trabalhar em contrato provisório na Escola Mário Lobão. Ela falou do seu grande desejo de ser médica, iniciou e fez o ensino técnico em Saúde. Todavia, esse sonho não dialogava com a sua realidade social, conseguiu um contrato na educação como alternativa de trabalho. Suas narrativas expuseram frustrações de um passado, com a voz do presente. Porém, de certa maneira, compensado pela condição de ter ajudado aos irmãos, pelos quais, ela, desde a sua juventude, se responsabilizou em incentivar a estudar. Uma liderança de casa, nos modelos familiares, de quem primeiro percebeu a realidade. Uma pessoa pobre e negra, dificilmente trabalha apenas para ela mesma, sempre está no fronte para proteger e ajudar aos seus mais próximos.

Organizar os seus pares, em ambientes comuns, para atuarem conjuntamente, tem algo que se conecta às posições teóricas defendidas por Certeau (2014), que, nas suas formas de pensar, dá relevância às estratégias criadas por grupos sociais comuns ou próximos. Esses, quando não detentores de força política, taticamente se somam um ao outro para garantir a capacidade de ação meio à sociedade, produzindo uma certa força para o fazer e agir. É na obra “A Invenção do Cotidiano” onde encontro o seguinte pensamento:

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas (CERTEAU, 2014, p. 55).

Atentar para estas questões expostas, sem considerar tão somente às palavras, mas observar a ordem das coisas dadas, das situações impostas. As narradoras destacadas, passaram a ocupar um patamar, que as forças antagônicas não esperavam delas, ou seja, o Estado, não contava, na época, que mulheres, destacadamente pobres, naturalmente negras, se organizassem de forma a contribuir com um processo organizativo de um sindicato, que mais tarde somaria a outras forças para fazer oposição e disputa de poder, participando de um dos maiores atos/acometimento da história local. Uma mudança da ordem estabelecida surgiu.

Seus feitos, suas contribuições políticas em acontecimentos sociais não são objeto de análises da história ‘tradicional’, pois elas não estão culturalmente na estrutura para terem seus discursos e práticas registradas, nem mesmo pelos próprios movimentos, que seguem, de certa forma, a tradição masculinizante do fazer. O ‘secundaríssimo’ que as silenciam não tem motivo para evidenciá-las como fazedoras de história, por isso, suas oralidades interessa. Uma forma de ver o que foi naturalizado a não ser visto.

Elas nasceram da fome de inclusão, tiveram a predisposição de enfrentar os seus desafios comuns: ser alguém na estrutura social, ou seja, deixarem de ‘ser ninguém’, serem além de meninas negras, que cresceram e trabalharam; deixar de serem jovens, mulheres trabalhadoras sem valorização profissional, mas mulheres que tem atuação ativa na defesa dos interesses. O histórico de vida parecia definir que elas seriam seres do silêncio, mas elas geraram palcos e palanques de discussões nos processos organizativos dos movimentos, dando continuidade à uma luta antecedida por outras lideranças, que foram lembradas nas suas narrativas, como: Pascoal Muniz, Sônia Chaves. Dar visibilidade histórica às pessoas e a esses acontecimentos, dialoga com CERTEAU (1982), que amplia os saberes que levam a compreender o processo de escrita da história, observando o que se tem de disponível na memória de cada uma e no coletivo gerado a partir delas e das suas dinâmicas. Lembranças se encontraram em narrativas distintas. Elas têm história que interferem noutras histórias narradas no presente.

Táticas e astúcias compuseram suas ações cotidianas oferecendo ao movimento de mulheres extra(ordinárias) para o processo de resistência que forjaram lutas e formas de fazer os seus dias, dentro do movimento comum e se correlacionando a outros, em espaços políticos e sociais de naturezas (des)semelhantes. Dessa maneira, se juntaram para participar do “dia-D”.

A tática[...] ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera, golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas (CERTEAU, 2014, 94).

Entendendo que a ideia de promover e de organizar os seus próprios eventos está previamente vinculada à uma astúcia que é a possibilidade do fraco em se estabelecer diante das violências e imposições sofridas, ideias que captadas nas artes de fazer (CERTEAU, 2014, p. 95) nos propõe a dizer que um recurso necessário ao jogo como tática para interferir numa ordem estabelecida. Elas, como novas lideranças, se prepararam para as lutas diárias paulatinamente, lendo e estudando ‘os próprios mundos’. Consonante às suas capacidades, contribuíram na formatação de ações comuns junto a outras categorias sindicais e sociais, cobrando políticas públicas, salários, redução (não aumento) dos preços do transporte coletivos. Passo a passo, dia a dia, expectando a possibilidade ver o ‘tinir’ dos sinos, em praças públicas, soando os desejos de mudanças. Foram muitas atividades desenvolvidas. Isso representa uma (re)posição de poder e reorientação

dos seres e dos corpos controlados, pela força de um ente que limita e delimita a atuação de cada um e de cada uma. Esse pensamento abre percepções trazidas por FOUCAULT (2006) quanto às dinâmicas de poder dos movimentos para se oporem ao controle das massas, como, por exemplo, ação do Estado que visa ter controle das situações dadas.

Nesses embates de interesses, controles e intenções divergentes, o movimento social do Acre chegou no seu “dia-D”. Narrado pela Almerinda Cunha, trazido pelos seus apontamentos de vivências e experiências e relidos em narrativas pela Elza Neves.

## **FINALMENTE O “DIA-D”: NARRATIVAS DE UM ACONTECIMENTO**

Em leitura a Albuquerque (2019), foi possível acessar a outras leituras referentes ao citado dia, onde, aparentemente, apareceu um certo orgulho nas narrativas de outras pessoas que viveram e contribuíram com o mencionado evento, não como manifestação saudosista, mas como resultado de uma experiência, o que gera uma certa felicidade pelo feito na memória de quem o narra. Posicionamento que, quando vista lado a lado com Elza e Almerinda, corrobora com as leituras que depreender interpretações sobre o acontecimento. Não se trata de verdades, mas de comportamentos frente à experiência de cada uma ou cada um, a partir daquilo que toca e reproduz sensações interiores.

O ano era 1987 e o prefeito de Rio Branco era o Adalberto Aragão, que, assinou um decreto amentando o valor da tarifa de três cruzados e cinquenta centavos para sete cruzados, em uma manobra com os empresários das empresas – Viação Rio Branco e TUT transportes – que contrariava a decisão do Conselho Municipal de Transportes e estipulava o valor da nova tarifa em cinco cruzados. Para a data em que a tarifa superfaturada entraria em vigor, as entidades estudantis e sindicais convocaram o “Dia do pule”, amplamente mobilizado pelo Centro Acadêmico Livre de História (Calhis) e da Casa do Estudante Acreano (CEA). Francisco Viana era o presidente do Calhis e Hildo Montezuma era o presidente da CEA. O chamado no interior da UFAC tinha sido feito por um panfleto A4, que trazia o desenho de um muro sendo quebrado e a chamada: “Não pague 7, pague 5 e pule a roleta”; outra convocatória dizia “Pague 5 e pule a roleta. O resto é roubo”. Essa ideia de pular a roleta ou catraca tinha o objetivo de não prejudicar as cobradoras e cobradores e envolvê-los na luta contra o aumento extorsivo. (ALBUQUERQUE, 2019, p.238-239).

Esse processo tem um lugar na história, que ficou na memória e é, por diversas vezes reproduzida, num mesmo tom. Enfim, o que importa é dizer: estavam em busca de ‘solucionar ou enfrentar’ um problema, ou uma crise instalada, aos olhos da sociedade, das mulheres, professores, professoras, sindicalistas e, principalmente, dos estudantes da capital acreana. Com a força de sentido dada à expressão “dia-D”, foi realizado o ato com muitos atores e interlocutores, no qual Almerinda e a Elza tiveram a suas presenças, cada qual, cumprindo com um papel a partir dos seus espaços.

Eu estava no primeiro ano do sindicato, estava e fiquei na responsabilidade de apenas convidar outras pessoas. Na época eu era, professora e aluna, então via o movimento sendo organizado dentro da UFAC e acompanhava as orientações

com a Almerinda no Sinteac. A lema era pular a roleta. A educação participou do movimento e ajudamos a juntar outros sindicatos (Elza Neves).

Na narrativa, houve uma demarcação da função Sinteac (Posteriormente, a Aspac se tornou sindicato), era um participante que dava a estrutura organizativa, uma espécie de agente que contribuiria para dar peso à identidade de organização de classe a um movimento que reunia a todos, em especial, os estudantes. Estes, de certa forma, creio, legitimavam a presença da sociedade. Naturalmente, suas presenças justificavam a necessidade de passagens a preço “justo”. Relembro a narrativa da Almerinda, quando trouxe as suas dificuldades de estudante, estava neste segmento, a materialização da necessidade. Certamente, outras pautas apareceram nos discursos, vez que o movimento, de forma integrada, elegeu a pauta principal: “luta contra o preço da passagem. No entanto, com ela, apareceria as especificidades de cada um. Um ajuntamento necessário para dar visibilidade política aos outros movimentos. Um ato político. Isso seria, no pensamento de Certeau (2014, p. 95-95), aproveitar das ocasiões e fortalecer aos fracos nas suas astúcias. Mas isso não representa um aproveitamento, sim uma cumplicidade circunstancial, em que todos sairiam fortalecidos politicamente. Uma arte colocada à prova para unir as pontas necessárias.

Unimos outras pautas que era a nossa valorização, naquela época tinha o comando do funcionalismo dentro dessa reivindicação, estávamos no movimento do “dia-D” -pular a roleta, que deu o tom do movimento maior, que uniu a todos, o movimento estudantil era muito forte naquela época. Lembro do Gerson Albuquerque, Sérgio Roberto, Marisa Fontana, Rosângela Castro... ano de 87... 88, eu acho. Sei que foi o meu último ano de faculdade, mas já estava no sindicato da educação, como diretora (Elza Neves).

O tempo da sua narrativa utilizou das marcas de vida, dos seus momentos, as marcas do tempo estão inscritas nas suas ações pessoais, as quais, entendo como importantes e como puxador do fio da memória. Lembrar das pessoas, dos nomes, do contexto que envolvia o movimento estudantil, das pautas, fez ressurgir a sua história, como elementos condutores de um discurso. Ressalto a sua constatação sobre a questão da unidade e da união das forças dos movimentos sociais, advindas de campos diferentes, que se agruparam pelas suas semelhanças políticas. Em entrelinhas, uma mensagem posta, a unidade se fez pela necessidade de dar outro sentido político no contexto da época, reafirmando a tática de atuação para dar corpo aos fracos Certeau (2014), uma maneira de administrar e entender a dinâmica em busca de um poder para enfrentar poderes, mesmo sem saber ao certo a exatidão da sua existência. Inspiro em Foucault (2006), mas com as devidas ressalvas conceituais sobre o significado de poder. Pois ele não tece uma teoria definitiva do poder, contribui para reflexões que facilitar entender como os sujeitos/sujeitas operam em busca de, estabelecendo redes que permeiam as estruturas sociais.

Lembro do Hildo, Márcio Batista, tanta gente, Júlia Feitosa, foi uma luta que uniu a todos nós que queria que fosse diferente. Na época, quando a gente queria nossos direitos, todo mundo se juntava, mesmo sabendo que tínhamos

diferenças. Ajudei a divulgar que era para pular a roleta. eu era uma aprendiz do movimento sindical, mas por dentro foi a Almerinda que puxava a discussão, era a presidente da ASPAC. Só me lembro da violência. Uma amiga, professora foi ferida (Elza Neves).

A coragem foi resultante de lutas coletivas estabelecidas para correções necessárias à vida. Nessa leitura, que nasce de uma curiosidade, vale saber que os diversos segmentos do Acre, no ano de 1987, intencionavam garantir benefícios sociais, tendo como principal bandeira mobilizadora a *redução do preço da passagem*, traduzida na palavra-expressão “dia-D”. Para essa expressão foi criado o significado de força mobilizadora, que naquele momento se constituía como defesa de direito, construído a partir das necessidades individuais, que se tornou uma força coletiva, dando corpo à possibilidade de viverem uma rede para materializar um poder que não existia, como se fosse ter uma conquista de algo concreto, simbolizado na derrubada de um decreto. Isto é um ato político, que tem ‘pensamento-ação’ e palavra combinadas.

Procurei ouvir pessoas citadas pela Almerinda, pela Elza e que também aparecem nas narrativas apresentadas por Albuquerque. Com a Zeza – Maria José Dantas, então presidente do Sindicato dos Bancários e Hildo Montizuma, estudante secundarista, da Casa do Estudante - CEA<sup>9</sup>. No intuito de sentir como as memórias se encontram a partir de acontecimentos comuns, como são tecidas nas tramas das subjetividades. Não procurava confirmações, tampouco verdades, até mesmo porque essas não existem e nem existem nas diferenças de cada um, sentia apenas a necessidade de ouvir narrativas que faz agrupar acontecimentos. As falas realçam e pintam aquele dia, como uma aquarela de detalhes, uma fração de susto estampado nas falas, quando e onde o medo motivou uma coragem defensiva. Um gesto, uma atitude ‘humanamente política’. Para melhor entender essa expressão, atribuo o sentido que são os desejos impressos nos atos coletivos para defesa das suas ideias individuais e coletivas.

Tornou-se uma proposta de unificação dos movimentos estudantil, sindicatos e associações comunitárias. Ainda não tínhamos uma Central para unificar todos os movimentos. Na época estávamos vinculados com o movimento estudantil. Esse movimento foi muito ousado, surgiu a partiu da decisão do aumento tarifa. O órgão responsável deliberou um preço, e os empresários definiram um preço bem acima e ganharam. O prefeito colocou um valor bem acima. Ficamos quase um tempão estudando, para fazer oposição e derrubar o decreto do prefeito. A imprensa nos chamou de subversivos (Maria José Dantas - 2022).

No primeiro momento, o resultado não foi o esperado. Mas em todo caso, resolvemos seguir a manifestação, fomos pela calçada com as faixas, seguidos com o fusquinha do sindicato dos bancários e uma caixa de som. Em frente ao palácio, paramos e fizemos discursos contra o governo, vinculando o aumento da passagem a política do governo. Descemos a avenida. Em frente a secretaria de segurança pública, fomos abordados pelo pelotão da PM, distribuindo ‘bordoadá’. Um sujeito, policial, pegou uma mulher que passava na rua e

<sup>9</sup> Casa do Estudante Acreano – entidade organizativa do movimento estudantil, fundada em 1986, como associação de defesa dos direitos sociais dos estudantes.

começou a agredir a mulher, com um sossega leão. Pedimos para soltá-la, pois ela não fazia parte da manifestação. Começou uma pancadaria generalizada. Quando os transeuntes e servidores públicos, viram a situação, da mulher sendo agredida, foram em defesa dela. O Jornalista Xangai, estava com uma bandeira da CGT, com cabo de metal, bateu nas costas do policial que agredia uma mulher. A confusão generalizou. Virou todo o centro da cidade, próximo à Praça da Alegria virou um campo de guerra. Muitos se feriram, soldados e manifestantes (Hildo Montizuma- 2022).

Essa tática do movimento, presente de maneira ousada, refletiu a ideia de coragem, ao tempo que fortaleceu manifestantes, um vespeiro de intenções diferenciadas unidas em um mesmo lugar. Isso causou a reação que legitimou a existência do medo do Estado, por isso, carecia enfrentar a representação da sua força. E o medo existente nos governantes, fez o Estado lançar mão da violência para controlar os corpos, pela imposição da força. Numa ordem de demonstração de poder instalado e constituído que pertencia ao seu representante oficial.

[...]ao colocar o poder em toda parte, excluo qualquer possibilidade de resistência. Mas é o contrário. Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia, quanto maior for a resistência (Foucault, 2006, p. 232)

O Governo com os militares para reprimir, controlar pessoas. Os movimentos se articulados, criaram suas estratégias de comunicação e a mobilização, que fez nascer a sensibilidade impulsionadora; alunos foram mobilizados, servidores que nunca haviam reagido contra o governo, movimento comunitário, ocuparam a praça. Seguindo as ideias de Foucault (2006) e o parafraseando: onde há poder há desconfiança, onde esse poder avança, há resistência brusca. É no conflito que as forças realçam a sua capacidade de reagir.

Após essas narrativas, mergulho nos ditos da Almerinda. Compreendo que sua fala, representa o misto das emoções do passado conjugada com o presente. Uma narrativa envolvente tecida de memórias que se encontram com a Elza, Zeza (como ela diz), Hildo e a pesquisa de Albuquerque (2019). Definitivamente, todos saíram com as marcas daquele momento vivido. Almerinda e Elza acumularam esse acontecimento como um dos enredos de luta do movimento sindical, apesar de ser uma ação ampla, em que se teve a mobilização estudantil à frente do processo.

A repressão sofrida se traduziu em ideia de ditadura, que era uma realidade na sua memória, o que certamente a preocupava. Fala de quem se amedrontou e que tinha os seus assombros de todos os tempos. Situação vivida na infância, na juventude, na faculdade e no ser profissional da educação e militante sindical. A mulher que se via fragilizada invencionice política, justificada pelas questões de gênero, sabia que o Estado lhe ameaçou e ela deu a sua resposta vestida de coletividade.

Intensificou na sua narrativa a participação como colaboradora dos movimentos sociais urbanos e rurais. Compreendo que ali estava a forma de resistir. Por ser dirigente do Sinteac e pelo vínculo que ainda tinha com a igreja, orientada pela a “teologia da libertação”. Uma consciência de classe que se consolidava a cada dia, observando MBEMBE (2019). tornou-se uma liderança com uma presença discursiva, organizada para a resistência. Formas subjetivas de promover o seu encontro entre o passado e o presente. Buscando em Sarlo (2007), posso dizer: ela se respaldou na sua experiência e se expôs pelas suas marcas da memória:

Aí no ‘dia D’, por exemplo, no ‘dia D’... nós estávamos no sindicato, quando os alunos da UFAC ligaram... e “tá tendo briga! e (que) estavam batendo em nós.” Nós descemos... a Maria José Dantas, com o “bicho no pé da goela”, era presidente dos Bancários. Nós descemos, entramos ‘pro’ fusca do sindicato dos bancários e começamos a falar no microfone e calma... A polícia veio truculenta e nos tomou o microfone e o caos se instaurou. O caos se instalou, era revolver ‘espelhando’. Onze horas da manhã... era a polícia batendo. A polícia civil estava no auge do comando Geral de greve no Estado do Acre. No Acre, a polícia civil tava unida com a gente, polícia civil junto conosco e a PM reprimindo, batendo. O Major Ricardo depois foi promovido, bateu em nós. Nesse dia, eu só não morri porque era casada com o pai do Charles, que me pegou pela cintura e puxou o revólver. Nesse dia... (pausa e pensa) mas pegaram uma na esquina da alegria, que se parecia comigo. Estava de calça azul, calça jeans azul, camiseta da CUT vermelha, e foi chutada, chutada, chutada de bota. Aí, levaram pro pronto socorro, eu fui pedir carona do finado Edmundo Pinto, pra ir ver a mulher que tinha sido levada no meu lugar, apanhou no meu lugar, e aí, quando a gente chegou, eu no carro do Edmundo, chegamos lá no pronto socorro. E cadê a mulher? Ela não... aí não, não sei o que aconteceu com ela. Muitos anos depois, uns dois anos depois... eu contando essa história, lá em... aqui na Vila Plácido... e aí um PM disse: ‘essa mesma história’. Naquele dia... *ACHO* que a mulher morreu, alguém morreu. Pensaram que era eu. E o Flaviano estava lá no palácio”. (Almerinda Cunha OLIVEIRA, 2020).

A experiência também é resultado do enfrentamento às dificuldades, produz esse encontro entre o falado, o vivido e o interpretado, por isso entendo como há uma formação discursiva para apresentar o passado. Interpreto a interpretação feita nas suas narrativas, É a forma de fazê-lo real no seu presente, no tempo narrado. É o real vivido a partir das experiências.

As lideranças estavam num gesto comum de expressar as insatisfações, mas o estava determinado o silêncio. Quem buscou falar, sentiu ameaçado por uma força que se impunha com armas em nome do Estado. No horário da fome, esqueceram de comer para defender o direito de falar, buscavam romper o silêncio, incentivando pular roletas. Uma desobediência ao papel, que trazia a palavra, a ordem e o poder imaginado.

O Estado promove quem bate, um incentivo ao uso da força, uma forma de discursiva de dizer quem manda e quais as benesses de quem está a serviço do modelo. Portanto, bater em alguém, não parecia ser apenas uma punição simplesmente. Pelas narrativas,

pareceu uma forma de educar os corpos pelo exemplo do castigo. Mas que ascendeu reações e interpretações as mais diversas. Histórias e memórias, incertezas e dúvidas se transformam em narrativas.

Mas algo é inconteste: o símbolo estava lá, no mesmo lugar, como se avistasse de longe os horrores de quem deseja dizer não ao Estado. Estar no palácio, não é uma metáfora de poder, é estar no lugar da proteção, onde se imagina que mora o corpo do estado falido.

O concreto da vida passada ficou capturado no discurso. Muito mais que história, o discurso é concreto e pormenorizado, por causa da sua ancoragem na experiência [...] recuperado a partir do singular [...]autodesignação do sujeito que testemunha porque ele esteve ali, onde os fatos lhe aconteceram... (Sarlo, 2007, p. 50)

Concluindo com as ideias da própria autora, posso dizer que o tempo próprio da lembrança é o presente, que se faz no detalhamento, nas interjeições e suspiros. Narrativas de palavras e a maneira de contar, que imprime todo real expressado. A memória reconstrói os próprios detalhes na escolha de quem narra e de quem escuta, a arte de reinterpretar e entender as vivências. O passado está no momento da narrativa.

... o Flaviano tava lá no palácio, atrás das cortinas e eu vendo a cara dele, implorando, faz alguma coisa pelo amor de Deus, e o revólver espelhando, às 11 horas da manhã, o advogado... tô esquecida o nome dele tava passando na esquina da alegria, caiu, tropeçou no chão, a PM chegou com o fuzil, botou o fuzil nele, aí o Albion chegou com revólver no ouvido do PM, você mata, mas morre, então foi assim no dia "D". A Francisca Marinheiro pegou porrada, a Olindina caiu dentro daquela fonte de água, ali na frente... Foi um transtorno nesse dia, nós ficamos na praça até 5 horas da tarde, aí a rádio nos ajudou, começou a dizer que nós estávamos sendo massacrados pela polícia na frente do palácio, aí os bairros começaram a vir. Eu nunca vi aquilo. Tomando tudo, pedra tudo e jogando, e eles com aqueles escudos, marchando pra cima, e o povo cacetando com pedra com tudo, ali do preventório, o povo correu, foi uma briga e eu vi a polícia recuando, porque o povo estava chegando da periferia, pra nos defender. Entendeu? Uma guerra foi uma guerra entre a sociedade civil e a polícia truculenta isso foi o dia D, que não vai sair da minha memória e depois aquele homem bem altão que era ali... da estação chegou e disse: 'é alguém queria pegar tu, na hora que eles tava batendo na mulher. Eles diziam... 'pega essa aí, que é do SINTEAC'. Chutavam com vontade, achando que tavam batendo em mim, eu me arrepiei nesse dia... eu me arrepiei, nesse dia eu tava até menstruada nesse dia, o dia 'todim' no meio do sol até 5 horas da tarde. Foi difícil, e, como a gente barrou um monte de 'doutores em educação' que não tinham nível superior, com o nosso plano de carreira, nós ficamos sendo perseguidos pelos que caíram de salário. Teve um momento de tensão mesmo... de me perseguirem por causa do plano de carreira do magistério, que com muito orgulho eu digo que é um dos melhores do Brasil, entendeu? É um dos melhores do Brasil, mas tinha um comitê lá, metade do governo e metade nossa; fiscalizando pra que fosse cumprido. E aí nós findamos e descobrimos uma máfia que vendia diploma falso que vinha lá de Manaus. Quem mexe com casa de maribondo leva ferroadada... É então,

justamente... eu virei, fui apontada assim, por um deles, pelo dedo de ‘nega do cão’, me chamavam ‘nega do cão’, a minha sobrinha trabalhava dentro da SEE. Ela ouviu me chamaram de ‘nega do cão’, tá vindo essa nega do cão de novo, aí a nossa luta arrefeceu. Mas se a gente olhar tudo o que a gente conquistou, a gente tinha um contrato de 20 horas, ganhava menos que as merendeiras, não tinha décimo terceiro e não tinha quem não ganhava mal. Só ganhava mais quem tinha relação com político (Almerinda Cunha OLIVEIRA, 2020).

Estar atrás das cortinas é a sutil maldade de um tempo, de forma silenciosa. Ver a cara do símbolo é se encontrar com o desespero e a angústia do momento vivido, na hora da fome das onze horas da manhã, quando o calor dos dias quentes, no quente momento do enfrentamento matava a esperança de ter a tranquilidade de falar palavras de ordens e fazer discursos. Mulheres num enfrentamento, com os corpos expostos à força bruta, precisava da brutalidade das pedras como respostas. O dia D foi a guerra dentro de cada um que tentava se encontrar e levantar bandeiras unificadas no aumento da passagem. A força do corpo abandonava a mulher pela própria natureza, na menstruação de um dia. A mulher negra, virou a “nega do cão” que se repetiu na sua mente com a imagem dos dedos em riste.

Dar destaque a essa parte da narrativa, compõe o enredo das trajetórias, cumpre aqui a função de visibilidade, não somente à pessoa, mas especialmente à experiência. Haja vista que muitas narrativas existem de forma cruzadas e intercruzadas para um mesmo acontecimento. A fala da Almerinda é perpassada por várias outras, que se finda na sua própria, que é a sua vida narrada, com a contribuição de outros olhares que ela mesma seleciona e interpreta. O “atrás das cortinas” e o “vendo a cara dele”, não é um recurso metafórico é a sua verdade colocada em detalhes que lhe confere o vivido, é o enriquecimento do texto e contexto, posto nas suas verdades. Neste momento, reafirmo que a causa principal da manifestação, ou seja, o reajuste das tarifas, se consolidou num campo de todas as pautas comunitárias, sociais e profissionais. Pois ela ao participar das negociações e também dos movimentos despertou rejeições por parte de diversos assessores e servidores da própria educação que associou a sua imagem de mulher negra como a “nega do cão”. ‘Adjetivação’ que articula o ser negro ao ‘satânico’, neste caso, cão é o sinônimo do diabo. Questões que ao serem apresentadas, reafirmam outras violências sofridas, trazidas nas palavras e que dão realce à sua história de mulher negra do movimento naquele dia.

Retorno a Sarlo (2007) para evidenciar a sujeita da experiência, que se põe à frente da narrativa por meio “eu”, um ser que se promove definindo a parte da história que lhe pertence, por vivência e memória. Para que servem as narrativas? Para dar vida à história, assim respondo. Apesar de que muitos questionamentos lançam âncoras na fluidez do pensar, preciso avançar e continuo com os ‘tempos passados’.

Tentei assinalar alguns problemas que a primeira pessoa colocava na restituição do passado mais recente. A primeira pessoa é indispensável para restituir aquilo que foi apagado pela violência do terrorismo de estado; e, ao mesmo tempo,

não é possível interrogar as interrogações que se abrem quando ela oferece seu testemunho daquilo que, de outro modo, nunca se saberia, e também de muitas coisas que ela, a primeira pessoa não pode demonstrar a mesma autoridade (SARLO, 2007 p. 116-117).

Passado e memória se tornam assim o testemunho, se produzem como referência de verdade que está no próprio ser, porém um ser do passado que é ausente, mas que se faz presente em si mesmo pelas suas palavras que reaquecem o corpo presente de emoções. Quando narraram o dia, ele foi revivido o corpo, onde reside a memória.

### **ONDE SE CHEGOU COM O “DIA-D”**

Todas as narrativas, para além de tudo que se pode imaginar, contaram vitórias, para Almerinda, exclusivamente, contou como o dia de derrota. “Senti derrotada no dia ‘D’.” Porém, essa conclusão cabe análises e interpretações, vez que afirma do ponto de vista pessoal, mas reconhece a capacidade mobilizadora deste dia para o movimento social. As subjetividades que todos vivemos garantem visitas diferenciadas, cada um entra ao mesmo tempo por portas diferentes e trazem um pouco de si, e lemos a partir do ‘eu’.

Assim as conquistas e fortalecimento dos sindicatos e associações foram identificados, as lideranças passaram a ter maior visibilidade, as entidades se fortaleceram como referências de forças. O movimento estudantil, se tornou mais forte e articulado, possibilitou espaços de formação política que evidenciou lideranças que atuaram em diversas frentes, conforme as narrativas. Acontecimentos que produziram sentimento de capacidade de enfrentar o que não se vê, mas que está no campo da ameaça: o poder. Cada qual com a sua forma de sentir “empoderado”, estudantes com o olhar de estudantes, sindicalistas com o olhar de sindicalistas, mulheres com ... e assim por diante.

Revivendo seus tons discursivos, o sentimento de derrota, não estava representado somente no presente da Almerinda, mas creio que vinculado em muitas pessoas pelas questões subjetivas alimentadas pela violência. Porém, nas contribuições diárias, é notório o quanto saíram ‘fortalecidas/os’ como lideranças sindicais de uma época, como mulheres. Para ela naquele instante, o tempo era único, como lhe era único o acontecimento, que faz parte das suas falas, compondo um quadro de informações, tangenciando a ideia de que sindicalistas enfrentaram o estado de opressão, destacando o ser mulher e as questões de gênero. A narrativa pontual de derrotada se justifica na possibilidade de morte de uma mulher que fora espancada, que nunca se confirmou oficialmente, mas a sua vitória se vinculou na participação de um movimento que fez do seu sindicato uma instituição para além dos espaços da educação.

Na verdade, foi uma forma de dizer: ei pare vamos conversar. Essa foi uma boa demarcação de conduta do movimento. Isso ampliou a importância da unidade na diversidade das categorias e movimentos sociais e de se vincularem à sociedade (Maria José DANTAS, 2022).

Os movimentos do Acre ampliaram a visibilidade, fortaleceram-se nas relações institucionais de poder de negociação, que segundo relatos, conseguiram derrubar o decreto do prefeito e criaram o Conselho Municipal Tarifário -CMT-, com a participação da sociedade e dos movimentos, especialmente dos estudantes e lideranças comunitárias.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só com uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (microfísica do poder 2006 – p. 8-9)

Essa posição recoloca, no centro das reflexões, a importância de compreender como se dão as relações sociais, como forma de transfigurar, não somente o sentido das expressões e das palavras, mas a prática política das próprias relações, estabelecendo maneiras e formas de compreensão do que se imagina sobre o poder, tendo como base a prática cotidiana. refazendo sujeitas e sujeitos nas suas identidades individuais e coletivas. Foi pelo movimento que Elza se viu participante e com a Almerinda se fortaleceram como mulheres que atuavam como sindicalistas, e que no tempo, tomaram mais conhecimento de si mesmas, se constituíram nas lutas das mulheres, nas lutas das mulheres negras. O “dia-D”, teve sua importância para muitas conquistas sociais e subjetivas. Segundo Elza: “aprendemos muito”!

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. R. Uma certa cidade na Amazônia acreana, Rio Branco-Acre, UFAC, 2019 [tese].
- FOUCAULT, M. Ética, estratégia, poder-saber. Ditos e escritos. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Tradução Roberto Machado. 22. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- CERTEAU, M. de. A escrita da história. Tradução Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MBEMBE, A. Crítica da razão negra. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: M-1 edições, 2019.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Terezinha Janine Ribeiro In Projeto História, São Paulo, 1997.
- SARLO, BEATRIZ. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva – Tradução: Rosa Freire d’Aguiar – São Paulo; Companhia da Letra, UFMG, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1995
- SILVA, Daniel Neves. “O que foi o Dia D?”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-dia-d.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.